



GAUCHHALEMÃO

moa sipriano

GAUCHALEMÃO

Moa Sipriano

Boff

Anjos existem.

Como descobri o óbvio?

Foi simples. Noutra tarde sem um pingo de graça, senti um par de asas luminosas a deflagrar uma surpreendente e delicada essência lavanda, capturando de vez todas as minhas atenções.

Foi um verdadeiro milagre aquela espécie de Dourado jogar seu corpo rústico no improvável banco de madeira e concreto. E eu – euzinho! – estava lá, boquiaberto, esparramado sobre um tufo gramíneo.

Eu tentava recuperar o fôlego, enquanto selecionava *Counting Crows* para minha segunda caminhada de passos rápidos, descompassados, no desconhecido.

Ele, Dourado Molhado. Surtei!

Que maravilhosa indecência imaginar meus pelos paulistas emaranhados naquele liso gaúcho.

Com meu olhar boboca e nada discreto, eu viajava nos entalhes daquelas bem esculpidas coxas parrudas, acobreadas por milhares de alfinetes translúcidos a furtrar nuances do pedaço de um sol traiçoeiro.

Subindo lentamente o foco, alucinava-me a ideia de tentar descobrir a altura do seu sexo e a circunferência exata daquele traseiro apetitoso.

Óculos escuros retirados, mão direita espantando o suor do rosto sulcado de vastas experiências acumuladas em tão pouco tempo, duas pedras de jade destruíram minha caçada, lançando-me um olhar inquisidor do tipo “e aí, o que tá pegando?”.

Eu disfarçava inutilmente minha adolescente indiscrição, furando a tela do iPod com meu dedão esfolado que não parava de transpirar vergonhas, durante a procura de uma terceira versão acústica de *Round here*.

Dos trocentos quilômetros disponíveis no Cassino, você tinha que se jogar todo besuntado em água, sal e libertinagem justo no *meu* território de passagem?

Pirei. De vez!

Nossas caras de Cérbero em nada ajudavam uma definitiva aproximação. O desejo de todo tipo de contato era mais do que palpável. Porém, mantínhamos o tosco enrustimento característico, embora sinais evidentes de um tesão incontrolável denunciasses todas as nossas vontades.

Disfarçávamos a realidade encarando raros rabos femininos que corriam de lá para cá e *viceversavesso*. Cena ridícula de quem ainda cultiva pavor em assumir o que se é.

Sua íntima angelidade me fez tomar a decisão do segundo ataque.

Levantei-me e construí uma postura militar, de defesas desnecessárias. Trocamos forte cumprimento, além de fulminantes encaradas.

Currículos básicos expostos, disparamos em passadas largas pelas areias de um memorável corredor sem fim.

Descobrimos um local sem turistas, nem nativos. Nas espumas amornadas de um mar convidativo, encenamos nossa zanga com um delicioso aquecimento, onde pelos e peles, suor e salivas, mordidas e beijos misturavam-se no centro de certas pegadas de dedos viris e bocas gulosas, culminando com uma *fodacicarelista* digna de uma cena crepúsculo.

Gozos vazados, abandonamos o oceano fumegante a fim de abocanharmos caminhos deprimentes. Um rápido e frio “Valeu Sid!” marcou a despedida dos enrustidos.

Era patente que eu jamais reencontraria meu anjo gauchalemão.

Escadas

Apesar de morarmos no mesmo prédio, há tempos que não nos víamos.

Que fantástica surpresa encontrá-lo na pequena loja de sapatos masculinos. Notei certa euforia quando percebi que você fora escalado para me atender.

Modelos escolhidos, caixas espalhadas pelo carpete de um carmim duvidoso, eu me sentia um verdadeiro rei tendo você prostrado aos meus pés, louco pela minha aprovação ao contemplar o terceiro exemplar de couro reluzente adornando meu par quarenta e dois.

* * *

O tempo passou. Coisa de dezoito, vinte dias.

Outro encontro, dessa vez nas escadarias furtivas do prédio imaculado. Descobrimos que compartilhávamos o mesmo vício maravilhoso: subir correndo as escadas ocultas após o término das longas caminhadas (eu) e corridas (você) matinais.

O encontro do acaso. Risos aflitos.

Afinidades esportivas. Sensualidade desperta.

Paramos no meio do quarto andar.

O mundo sofria lá fora. Nós descansávamos na boca de uma saída de incêndio.

Só me dei conta que você estava alguns degraus abaixo ao sentir seus dedos tímidos acariciarem meus Nikes velhos de guerra.

Sem esboçar qualquer reação negativa, minha curiosidade permitiu que você retirasse meus tênis e meias e medos e preconceitos.

Impressionante sua delicadeza na rápida e suave massagem de idolatria em meus pés cascudos.

Você morder os cinco indefesos no alto do meu pé esquerdo ao mesmo tempo em que contemplávamos o contorcionismo dos nossos rostos em agonia e êxtase. Magia pura!

O temor em sermos descobertos aumentava o fervor do nosso pecado divino. Você lambia e sugava cada dedo. E meu pau já implorava pelas mesmas regalias.

Vontade insatisfeita, demorou o cair da ficha para me tocar que o seu prazer residia apenas no lambuzar da sua língua calejada nas entranhas das carnes e ossos e ligamentos que sustentavam meu equilíbrio.

Você me conduziu a uma punheta demorada no decorrer de um prazer inusitado, recém-descoberto.

Oh, escadas! Que maluquice!

Que insanidade! Que delícia de novidade!

Você sugava e lambia meus dois pés, enquanto amaciava com vigor a minha vara de boas pescas. Sua boca em sincronia com sua mão turvaram-me os restos da razão. Os movimentos de uma inigualável dança contemporânea bailavam em boca e dedos pra lá de experientes, gulosos, decididos.

Descontrolado, esporrei meu leite perolado nas suas faces arroxeadas.

Eu tentava recuperar os sentidos, a correta respiração, a postura de “e a vida continua”, mas fui deliciosamente surpreendido com um mateado beijo macholino temperado com o sabor ácido da minha gosma aerada.

Permiti seu último desejo de servir o novo rei: línguas suadas, meladas, rígidas numa prática e ágil batalha de dois vencedores.

Acabados, trocamos forte abraço após seu gozo tímido repousar no chão frio, criando uma poça cintilante, quase imperceptível.

Voluntariamente distantes, recobramos nossas identidades sociais, galgando o restante do trajeto em separados.

Você abriu a porta no sexto andar. Despedimos nossa volúpia com um sorriso filho da puta entre olhares cruzados. Confirmávamos que a brincadeira seria repetida dezenas de outras vezes... em breve.

Meu súdito gauchalemão aguardou minha ascensão até o duplo andar superior.

Última troca de saudades. A porta corta (todos os) fogos foi lacrada.

Eu, Forasteiro, continuei meus exercícios até o décimo ponto.

No chuveiro, esgotado após o término da dolorida terceira punheta, eu “rerregozava” e gargalhava e ainda me surpreendia com o resultado da travessura vivida uma hora atrás.

Agora eu era Escadas, o rei otomano. Com um germânico súdito fiel a besuntar os dedos dos meus pés com sua saliva mágica, pincelada no timbre exato de um bom mate.

Futebestas

Era o final de um jogo medíocre.

Meu São Paulo reverteu o placar no último segundo. Santo Rogério.

Apito derradeiro. Fim de tudo.

Pelo menos eu retirava alguma alegria daquele domingo patético numa fria terra distante.

Degelmann, o gremista, desvirtuado pela derrota sem sentido e pelo poder da décima latinha, partiu pra cima do meu peito felpudo, arrancando lascas da minha mata fechada, assim que eu ousei mudar de canal.

“Que porra é essa!”, eu gritei, apalermado, sem sucesso.

“Vou arrancar os pelos do Sid Bambee!”, retrucou, em soluços etílicos, meu novo parceiro de bola e tardes de domingos decrépitos.

De repente, apatetados, lutávamos numa guerra infantilóide, com direito a almofadas na cara e rolas ridículas pelo bege carpete repleto de furos nicotinosos.

Ríamos, xingávamos, provocávamos um e outro, numa saraivada de atitudes inconsequentes patrocinadas pela Skol.

O filho de uma égua rasgou minha camiseta preferida. Não cultivei dúvidas: acabei com a dele também. Puteados, as agressões saíram do palco meninil e ganharam o ignorante mundo adulto.

Tapas nas costas, mordidas em queixos, socos em umbigos. A brincadeira virou besteira.

Não sei como, nem entendia o porquê, a certa altura o gauchalemão meteu com toda força os dentes podres no tapete que cobria os arredores do meu coração, enquanto eu revidava de imediato a marcar a carne do seu ombro desnudo com meus pontiagudos impecáveis.

Olho no olho. Mordida por mordida.

Registrávamos nossas arcadas como um símbolo de real propriedade sobre nossos corpos fedidos, úmidos, esgotados. A selvageria descambou para um doloroso abraço.

Derrotados, máscaras ao chão, abrimos um berreiro com a soltura de sensações outrora bloqueadas.

Do sufocante enrosco nasceu um arrastado selo. Do demorado beijo ascendeu uma dupla ereção vitoriosa. Caralhos pulsantes convocaram quatro mãos titubeantes.

Punhetávamos um ao outro, enquanto mordíamos línguas opostas, mamilos inchados, queixos dilacerados.

Toda farra durou oito minutos... ou menos.

Melecados em nossas sandices aguadas, meu Azul esfregou pela última vez sua língua lisa na boca peluda do seu inseparável Bambee. Ele correu para o banheiro, afirmando se sentir enjoado pela péssima campanha do seu time desfocado.

Banho tomado, roupas emprestadas, a sala imaculada sem um vestígio sequer dos minutos de delírios pelúnicos, nós, os Futebestas, trocamos um machístico aperto de mãos, quando o Bambee aqui finalizou o encontro dominical com um “Não se esqueça do powerporra para a reunião de amanhã. Lá pelas dez temos um encontro com aquele merda do Horácio...”.

“Delicioso Horácio”, eu meditei em suspiros audíveis, rebolando no corredor na direção da cozinha, assumindo meu novo lado puta.

Santa Rosa

O retiro espiritual se transformou numa inclusão sensual.

Impossível prestar atenção nas canções sublimes, já que meu olhar vítreo resolvera se perder no pulsar dos seus lábios roucos.

O santo encantava as ovelhas que sonhavam com o Divino encarnado na terra.

O moreno pecador aqui do outro lado viajava nos traços daquele rosto quadrado, branco e avermelhado, imaginando as delícias ocultas atrás da pesada camisa acetinada, fora de todas as modas.

Cantamos e louvamos e nos comportamos como vaquinhas de um típico presépio verde e amarelo.

Ou melhor, quase todos, pois a Grande Vaca Profana não parava de maquinar utópicas investidas no santo padre quase cantor, nada “pop”, ainda desconhecido das massas naquele fim de oitenta.

* * *

A segunda noite deu as caras toda descompassada, acompanhada por uma irracional e sufocante madrugada.

Gatunos do desespero, que sobressalto pegamos nossos corpos zumbis em trajes de algodão, vagando nas laterais da improvisada cozinha santa.

Sorte nossa que padres, serviçais e ovelhas estavam envolvidos num sono aparentemente pesado.

Nós dois arriscamos refrescar nossas almas. Quem diria que a sede das águas se transformaria em anseio do prazer?

Quando acordamos para a verdade, notamos nossos espíritos empapados por uma quase ingênua putaria, santificados com a troca de nossas águas bentas de gosto cândido, após o quinto minuto do nosso destempero entre beijos, agarrões e boquetes desafiadores, na intimidade de um barracão ao norte de uma Santa... Rosa.

Advogado

Lá fora, no seu mundo, você comanda, se vira e segue com afinco o que manda a Lei. Promove seu espetáculo pirotécnico nos julgamentos. Impressiona juízes e jurados. Ganha boa parte das batalhas pelotenses.

Aqui dentro, no submundo criado em comum acordo, você tenta em vão domar o ladrão da sua alma, o assassino dos seus medos, o estuprador das suas ignorâncias.

Lá fora, na sua dimensão, você é o Poder e o Respeito.

Aqui dentro, no nosso escuro, sou eu a dominar seus sentidos e julgar aquilo que você deve experimentar ou não.

Lá fora, na sua passarela, você se esbalda com o contingente de fêmeas e machos “paga pau” que admira seus ternos bem cortados, seu perfume italiano, seus sapatos artesanais.

Aqui dentro, no nosso beco, você “paga pica”, implorando para ser deflorado, alucinado com minhas eternas surpresas grotescas.

Todos desejam o advogado gauchalemão. Mas somente eu possuo as chaves do último destino do meu macho fora das leis.

Xadrez

Calo sua boca com ligeiro golpe viril do meu cavanhaque sedoso. Estupefato, você aguarda a próxima ordem.

O Rei em mim-eu-mesmo comanda o Peão que há em você.

Relaxado na velha poltrona do papai, eu exijo que meu marido retire suas vestes de labuta. O cheiro da terra vermelha invade meus anseios. Esqueça aquele banho nas águas externas. Agora o limpar dos seus músculos ressumados será executado pelos meus lábios ressequidos, furiosos.

Camisa flanela de grandes quadrados entreabertos, eu admiro os contornos do seu ursino peito arfante. Seu jeans-uniforme agora jaz arriado e eu vagorosamente contemplo a balbúrdia de ouriçados fios aloirados a cobrir com formosura suas coxas transparentes.

“Vire-se!”, eu ordeno. Vou apalpando tudo aquilo que me pertence.

“Sim, meu Senhor!”, você geme, perde todas as noções. E quer mais. Muito mais!

Eu travo a opulência das minhas investidas, turvando os parâmetros do seu prazer. Corpo a gritar de frio e vontades, você espera ansioso pelo próximo movimento brucutu.

Vem, meu Bispo em forma de Cavalo. Deixe-me alçar suas costas finas.

O Grande Rei Urso comanda novo espetáculo das pelúnicas Rainhas depravadas.

Você encarna a Torre que vai encarcerar os amantes por toda a madrugada humaitúmida!

Chimassexo

Fico a observar seu semblante fechado durante o lento derramar da água sobre o mate. Excita-me focar seus lábios compactos a sugar a seiva sagrada.guardo com serenidade e leve submissão a minha terceira vez no decorrer da nossa festa silenciosa, única, privativa.

Você desfaz o laço, me passa a cuia, namora minhas mãos orvalhadas, resultado de um tesão inesgotável. Sirvo-me do calor líquido. Você beija as pontas dos meus dedos, enquanto acaricia e baila o laço vermelho sobre meu gorro negro. Ganho lambidas aquecidas na nuca gélida, nas voltas das orelhas amornadas, no centro da minha careca em brasas.

Ah, meu gauchalemão... agora é a sua vez de curtir o chimassexo!

Por favor, complete a cuia secular enquanto cubro suas brancuras com beijos rosados na rigidez do seu quarentacorporo cantante.

Na hora exata, deitado bem debaixo dos seus saltos, observo obediente o senhor da minha noite. Você idolatra meu jogo libidinoso. Prossigo na fantasia, enfiando minha nada discreta mão direita paulista nos extravagantes caminhos gaúchos os quais aprendi a conhecer tão bem.

Mais chimassexo. Sem nos preocuparmos com o tempo, prosseguimos nosso ritual, ampliando o leque de loucas provocações.

Aquecidos pelas duas ervas, partimos para o roçar dolorido das nossas carnes no sal grosso da nossa doidaria. Blusas e camisas e restos de panos se perdem nos arredores do quadrado de boa madeira. Você sente que meus pelos dão conta do recado, enquanto minha performance alucina todos os seus sentidos no decorrer da comemoração da nossa centésima nona trepada erechinonsense.

Esquenta

Assim que você chegar, deixe o carro no final da Rua Jaeger Betti. Abra a porta da cozinha, destilando discrição.

Conte oito passos. Deposite as chaves e documentos sobre a mesa de centro e aguarde a presença dos meus pelos perfumados, relaxando seu nervosismo no sofá de uma sala iluminada por uma única vela.

Talvez eu necessite de mais cinco minutos.

Só para contemplar o princípio da nossa aventura.

Ah, lembre-se: você não pode abrir a boca. Deixe que isso, eu faço. E nem pense em retirar as roupas! Deixe que nisso, eu aconteço.

Finalmente unidos, você nem se lembrará do frio lajeado. Meu macho degustará o centro do meu fogo, onde mamilos e bolas arderão em desejos, sem cessar.

Estou sufocado em ansiedade para curtir o nosso “esquenta” da próxima quarta-feira. Ah, lembre-se: traga seu vinho de quinta para que o nosso ritual de primeira seja bem convincente.

E, por favor, esqueça as taças!

Será no boca para boca. Todos nós, tintos no mormaço ambiente. Você fumegando nos meus lábios, enquanto derramo o denso vermelho sobre sua elegante pele germânica.

Na patética linha “sou tímido”, limparei a gafe premeditada com a ponta da minha língua safada a percorrer as manchas rúbeas espalhadas no seu queixo quadrado, peito triângulo e umbigo ovalado.

Nus, encontraremos conforto e silêncio no abraço de escape. Você, sempre introspectivo, se perderá na fartura dos pelos grisalhos que cobrem a totalidade do meu mistério. Eu, sempre *alocado*, soltarei todos os risos devassos ao produzir cócegas nas penugens albinas que enlulam seus pontos mais sensíveis.

Passivo, você enlouquecerá e simulará o arrancar dos meus fios com seus dentes ocultos no matagal que dissimula meu rabo ativo. Eu revidarei, penetrando meus destemidos indicadores em todos os orifícios do meu maridarmário.

Trocaremos o vigésimo beijo bêbado. Fundiremos nossos olhares sensuais. A trilha sonora das próximas horas será composta por gemidos sensíveis, sussurros nefastos e urros viris a abrilhantar nosso amor que ainda receia em dar a cara aos Tapa...dos.

Guarde a mensagem enviada. Conte as horas restantes. Esqueça sua outra vida.

Meu gauchalemão, eu preciso de você – desesperadamente! – para o “esquenta” de setembro, enquanto durar nossas férias... bem longe de nossas donas.

O diário de um ladrão... de machos

Tudo bem, Finckler, eu assumo: sou o mais astuto e perigoso marginal.

Daquele tipo que encurrala sua ansiedade contra paredes quando você menos espera, pressionando seus membros elétricos no concreto rústico, a fim de afanar com extrema violência uma dúzia de beijos volumosos a verter lágrimas de superação.

Sou aquele que faz você perder o bom senso sobre tudo, onde o temor vitrificado no seu olhar perplexo age com afinco para que seus ossos percam toda e qualquer rigidez; onde seus lábios sequem em instantes, agoniados por novas investidas do meu cavanhaque rural a ferir a superfície da sua libido gramadense.

Sou um gatuno espertalhão que rouba seu sexo, guardando-o no vasto enigma de um inexplicável Paraíso.

Sou o malvado a desferir palavras depravadas aos cus dos seus ouvidos recatados, tremulando cusparadas ferventes em todos os orifícios, enquanto seu corpo abobado pende de um lado para o outro, ao meu bel prazer.

Sou o puto paulista a lhe fazer de puta gaúcha. De puta ou donzela ou garanhão ou serviçal de acordo com a rotação da minha lua.

Sou o patife da sua fantasia, o senhor da sua realidade, o pervertido dos seus desejos mais entranhados.

Sou o homem que vai lhe ensinar, de uma vez por todas, o que é ser Macho debaixo e acima de outro Cara.

Multidão de emoções

Ignorei por completo a multidão desorientada e lasquei-lhe um disparo bucal a queima roupa. Surpreso e beterraba, você me repreendeu no agarrar inseguro dos meus braços roliços. Desarmeí seu falso ódio com um impactante sorriso lazarento.

Na rodoviária de um porto sempre alegre em véspera de últimos feriados, havia um mar de testemunhas boquiabertas com nosso ato isento de pecados. Comprovamos a realidade do nosso amor de ontem com sua – finalmente! – iniciativa em me devolver o segundo ato daquele beijo pelúnico, para delírio das moçoilas que suspiravam de inveja diante de dois “desperdícios” de bons caminhos a reatar o inevitável.

Boa noite, meu Gauchalemão!

Groninger,

Rasgo tua bombacha com o deslizar dos meus cílios por toda extensão rígida debaixo do teu equador. Aqueço tua pele translúcida com meus lábios pitanga de tosca cobiça. Salpico minha língua entre teus pelos amarelos, despertando vitórias nas tuas faces rosadas, recuperando o brilho outrora perdido no seio dos teus olhos cor do firmamento, espocando nossa luz invernal no decorrer das nossas diabruras julinas, ocultos nas brumas de São Leopoldo.

O outro bailar

Escondo meu sorriso de triunfo por trás da nona caneca da boa Dourada.

Divirto-me com as Brancas a rodopiar contigo no redemoinho do baile de três passos por quase toda noite.

Especialmente naquela data festiva, vibro com o belo espetáculo de bombachas e vestidos sincronizados com a batida folgazona que emana dos cinco Fritz pra lá de empolgados a judiar dos seus seculares instrumentos sobre o palco improvisado.

Ao mesmo tempo, sinto um leve fisgar de frustração por ainda não saber os celestes passos gaúchos. É por esse motivo que, ao chegarmos a casa lá pelas tantas da madrugada de uma sonolenta segunda-feira, sempre invoco meu orgulho moreno no rebolar de sensualidades e selvagerias sobre as camas, o piso de madeira, o chão dos banheiros, a grama impecavelmente aparada ou até mesmo no banco inteiriço do nosso velho Opala.

Preliminares

Desvaneco seu timbre rouco com uma bela bofetada que ribomba grave tensao pelo quarto. Não aquele *sploft* de palma de mão decadente e covarde e sim um incessante fluxo desferido pelos meus rochosos lábios ferinos a *smackear* sua boca, suas faces sardentas, seu queixo pontudo cheio de fiapos pedritos e seu pescoço arfante.

Violento sua nuca com minha barba de três dias, sulcando marcas de insanidade que descem pelas suas costas pontilhadas pela acne, culminando com minha língua em fogos sem artifícios a *toctocquear* a entrada do nosso parque de todas as diversões canelas.

Pegar no pé

Sou o tipo de homem que realmente gosta de pegar no pé: agarro seus caminhantes, posicionando-os sobre minhas coxas nuas, sempre flamejantes.

Em seguida, proporciono aos seus ariscos passantes algumas carícias vigorosas, relaxando tensões, elevando tesões. Beijo e mordisco pontas de dedos de unhas carcomidas, sem jamais retirar meu foco castanho do seu olhar violeta, perplexo, acuado. Provoco todos os calafrios ao lambar seus vãos e plantas e partes de Aquiles. Meus lábios cumprem o papel de despertar o Oculto que há em você.

Seus delírios confirmam a eficiência do meu excelente serviço prestado. Rodopiando ao meu redor, forço você a entrar no meu jogo, induzindo-o a aceitar uma deliciosa submissão. Autorizo sua pessoa a curtir o grandioso momento “Amo e Senhor”. Faço de você o gaúcho acima de toda Não-Me-Toque, como somente um macho Consolação é capaz de...

Asas do meu desejo

No vagar pelas ruas da minha Missões, pressinto seus traços estampados em todos os rostos másculos que serpenteiam minhas laterais.

Acompanho seu gingado nas costas dos passantes domingueiros. Vejo seu cheiro a cortar minhas narinas com um sabor almíscar.

Será que desbravei dois mil quilômetros para nada?

É terrível sentir que você está muito próximo, mesmo tão, tão distante.

Wim Wenders tinha razão.

Álcool

Após a oitava garrafita, eu atiro o vidro em lascas entre as toras chamuscadas acompanhado da minha submissão não mais oculta.

Você ri dos meus limites étlicos e seu semblante entrega aplausos egoístas, pois você sabe exatamente o que vai acontecer.

Abro portas, caço no escuro. Encontro minha corda preferida. Enlaço meu novilho de ocasião. Você debate o resto das suas forças. Aperto o sentido da dor consentida. Escondo sua boca sem cor com um beijo estranho, estúpido, esticado. Desço e sufoco seu sexo no apertar dos meus lábios caninos. Abro as pernas do meu Casado de modo a liberar seu antigo universo de liberdade. Minha rigidez dá conta de todos os recados. Descartamos o valor dos sentidos.

No asfalto entre florestas, ganhamos horas de um prazer não mais enclausurado em Bom Progresso.

Espelho meu

É durante o ritual do Barbapapa que desfruto meu momento mais íntimo. Eu com mim-eu-mesmo. Espelho meu. Olho no olho. Marcas confrontadas com as cicatrizes de uma existência de louco e forçado aprendizado.

Gosto pra cacete do meu olhar andrógino. Aprecio os pelos grisalhos que pontificam minha hombridade. Viajo em passados ridículos. Rio dos meus erros presentes. Sinto orgulho dos meus acertos vindouros.

Vejo todos os “Sids” que salpicaram diversos palcos de uma única existência. Faço poses. Desfilo um laboratório de caretas inexpressivas. Decido livremente se agora é a vez da barba ganhar notoriedade ou se ainda mantenho o velho cavanhaque de boas guerras.

Curto pra caralho as primeiras rugas, pois elas ampliam minha “machozidade”. Enquanto a lâmina sobe e desce, imagino o rosto parcialmente liso sendo acariciado pelo último gauchalemão que ainda vai surgir. Sinto-me “linda”.

Cada barbear me deixa mais *sexy*, louco por desferir novos ataques ou, quem sabe, permitir minha carapaça pelúcnica ser muito bem perfurada.

Hoje o cavanhaque ganhou. Mais uma vez.

Faço bicos bambeesticos para dar o último retoque no bigode gris.

Percebo que meus lábios macios voltam a implorar um novo beijo. Descubro que não compartilho “o” beijo há muito, muito tempo.

O castanho vívido do meu olhar misterioso vagueia em busca de um único ideal. Água fria. Colônia amadeirada. Última tesourada num pelo rebelde. Sinto-me “macho”.

Pronto para o último recomeço... ao lado de um tão desejado gauchalemão rústico e desmiolado.

O retorno dos Reis

Furto sua *facefoto* virtual e manipulo sua imagem real nos labirintos do meu Mistério. Viajo em nosso mundo Pantone, deleitando-me com o sabor do seu cheiro Boticário e o frescor do seu sorriso amanteigado. Transformo o laço que nos une numa corrente inquebrantável.

Você sabe. Eu sei. É o retorno dos Reis!

Precisamos finalizar aquilo que deixamos para trás nas antigas existências.

Esqueça o Tempo, ignore os desafios, pois você tem consciência de que vamos superar tudo a contento. O que nos une é o amor. Não só da carne, mas sim de espíritos verdadeiramente companheiros.

Mesmo sem lhe conhecer eu sei quem é você e qual território habita. Acredite: Dois estados vão se fundir num belo setembro.

Você compreende onde quero chegar, pois sabe que costumo revelar a verdade.

Nas ruas de Tristeza encontraremos partes da nossa nova realidade!

Eu sou a razão do seu viver

Lá fora, Frio. Aqui dentro, a lava percorre os becos tortuosos que se afinam nas laterais do meu corpo insano.

Lá fora, Vazio. Aqui dentro, centenas de milhares de vastas opções a preencher todos os destinos.

Lá fora, Escape. Aqui dentro, a emoção do prazer passivo mesclado com a dor ativa, envolvente, única, extasiante.

Lá fora, Ilusão. Aqui dentro, envolto nos meus múltiplos carinhos, há quentura em demasia, conteúdo em eterna expansão, sexo isento de limites e amor em todas as suas vertentes.

Oh, meu gauchaleirão, saiba que eu sou a razão do seu viver. Sou aquele que você sempre quis, buscou, precisou, almejou. Um homem romântico que mantém escondido na textura dos fartos pelos felpudos um macho insanamente insaciável, introspectivo, incompreendido.

Dar

Hoje eu queria dar...

Dar em praça pública...

Dar num beco escuro...

Dar, simplesmente pelo prazer de dar...

Pouco me importa se os Trouxas não compreendem minha tara...

Qualquer um pode dar, porque dar é bom, você tem que experimentar...

Hoje eu queria dar...

Dar nos fundos de um bar...

Dar no abafo de uma sauna...

Dar no meu quarto, foda-se... pouco importa o local...

Hoje eu só queria dar...

Dar bem gostoso...

Dar bem demorado...

Hoje eu apenas queria dar...

Dar um tímido abraço são-paulistano...

... num portoalegríssimo qualquer.

Coração pelada

No meu sonho recorrente, vejo você na pelada a surfar pelo gramado encharcado.

Ignoro seus companheiros de batalha e concentro meu olhar guloso nas suas coxas empapadas naquela sensual mistura de água, grama e lama. Vibro com o chute certo, desempatando o combate no final do segundo tempo. Deliro ao ver todos os machos do time de amarelo correr para o impetuoso abraço fraternal.

Eu, sempre tão na minha, me divirto ao saber que aquele símbolo do coração é só meu, enquanto as gurias descoloridas da sulista arquibancada improvisada batem tinturas de raiva ao confirmar que São Leopoldo, o príncipe sorridente, já fez sua escolha definitiva pelo moreno forasteiro que cultiva a expressão de poucos amigos.

Chimas

Você tremula no meio da sala, derramando o resto da tempestade pelo espesso tapete ancestral. Corro a cobrir sua alma empoçada com uma toalha lanosa, envolvendo o tecido amornado no meu doce amado com meus braços desproporcionais recobertos de pelos eriçados.

Você sente todos os “calores” a serenar seu espírito derrotado. Entra no quarto, se desfaz da pingante roupa de trabalho, toma o longo banho, volta para a sala cheirando pheboalívio.

Eu, de bate-pronto, já estou com o Chimas preparado.

Papeamos, rimos e abraçamos nossas afinidades, sem largar nossas quenturas aliviantes e inseparáveis nessa boa época de Santo Antônio.

Trocamos mil beijos. Reaquecemos preliminares.

Quando damos as costas para a realidade, estamos jogados no meio do sofá, a ouvir o pimplar da garoa que embala um fim de tarde perfeito, durante o feitio de um amor excruciante em (com)Passo Fundo.

Descoberta

No penúltimo dia do ano, durante a correria da irresponsabilidade, me senti o pior dos piores quando lavei seu corpo com toda aquela água apodrecida.

Dei a ré, tolhido ao ver você atônito, detonando até minha oitava encarnação passada com uma justíssima razão que jamais seria contestada.

Desci do Corsa amparado por um medo concreto, cerrando os olhos de vergonha e desconforto por causa das milhares de gotas meladas.

Sem jeito, pedi todas as desculpas, ofereci carona, queria voltar as agulhas do Tempo. Prontifiquei-me até mesmo a comprar-lhe uma roupa nova!

Seu ódio se transformou em risada histérica.

Você me reconheceu.

Eu não entendi nada.

Você entrou no carro sem pedir licenças. Eu fui logo atrás, coração embebido em angústia, razão sufocada num sortilégio de confusões difusas.

Travamos as portas. A chuva embaçou o microcosmo. Você calou meu espanto cantado com um beijo certo e bem mais profundo do que eu fantasiava ser possível, fisingando minha total passividade no meio de todas as turbulências.

Engoli línguas e sapos e dúvidas e “puta que pariu, isso é melhor do que sonhei!”.

Descobri naquela hora uma derradeira evidência para aceitar de vez meu divórcio, assumindo – sem pestanejar! – minha segunda sexualidade.

Quando dei por mim, éramos amantes amados, amarrados e encantados num quarto de um motel barato nos arredores de São Martinho.

Couro & Borrachas

A rasteira da sua inusitada presença desabou minha razão quando você fechou as portas da oficina no final do expediente.

Ah, o meu primeiro dia!

Já liberto do macacão e da graxa, era evidente que meu corpanzil em pequenos trajes seria finalmente açoitado pelos seus caprichos.

No sexo, quando ambos liberam o “sim”, toda ácida fantasia tem o direito de se transformar em adocicada realidade.

Com meus olhos vidrados no couro, você reiniciou o delirante ritual ao raspar com violência bem medida o solado de borracha gasta nas minhas assustadas faces maquiadas de pelos ásperos. O couro coturnico invadiu minhas narinas ainda virgens, indefesas. Ele não pediu autorização para desbravar meus lábios de pregas rachadas. Beije, lambi, mordi, degustei couro e borracha, metal e tecido, tudo sob o atento olhar de lascívia do meu novo proprietário “ijuirado”.

Rodoviária

O primeiro passo foi descer o último degrau. O segundo passo foi estatuar diante da confirmação de uma beleza não mais virtual. O terceiro passo foi o derradeiro inspirar lentamente todos os perfumes, apreensivo diante da expectativa de sentir seu louco aperto de mão desajeitado.

Ainda nos arredores da casa dos ônibus, um Júlio de Júlio me presenteou com um afetuoso e sincero abraço de “muito obrigado por me salvar”, afirmando logo em seguida que não estávamos muito distantes da sua casa na Rua Cipriano Mascarenhas.

Antes de afivelar nossa segurança no interior do velho Uno, roubei mais um carinho dos seus lábios sem sua permissão, aniquilando de uma vez por todas o fantasma da angústia em séculos de espera, quando finalmente fomos autorizados pela Providência a quebrar as preconceituosas correntes que impediam a fusão dos nossos corpos num só espírito verdadeiramente apaixonado.

Vai dar certo!

Naquela tarde, entre digicliques e bocejos, pipocou na minha notetela mais um pedido de faceamizade.

Geralmente ignoro os Maisdomesmo da Silva que imploram atenção, após estudo minucioso de seus currículos falsos, vazios, desesperados.

Mas havia algo inusitado naquele semblante. Copiei a foto de abertura para o meu *dropbox*, ampliei sua sincera pureza com as pontas dos dedos bambeados na tela brilhante da minha maçã inseparável.

Parei tudo. Acalmei meus pelos sobre a cama. Percorri os traços do seu rosto, acariciando cada curva com o Indicador babando de tesão. Depois brinquei com um Mindinho a salpicar beijocas nos seus cabelos molhados, criando angelicais cachinhos dourados imaginários.

Gravei seu olhar na minha tela retina. Fechei a mente para o globo, criando espaço para o meu mundo no seu universo.

Em meu arcabouço, me atirei naquela grande piscina registrada na nona fotografia. Arranquei sua boia de apoio, puxando para mim-eu-mesmo todos os seus fantásticos músculos reticentes.

Seguro em minhas certezas, você buscou o primeiro contato de línguas e eu retribuí o primeiro êxtase. Sem palavras-clichê, apenas cheiros libertinos, já sabíamos o que estava reservado a nós dois.

Ríamos do absurdo do todo meteórico.

A cada união de seivas a desbravar o céu de nossas bocas, somado a cada abraço acorrentado, sentíamos a confirmação do nosso juízo final.

Quando despertei do meu doce devaneio, um *pop-up* confirmava meu anseio.

Você me retribuía um “seja bem-vindo”. Eu digitava um “muito obrigado”.

Você curtia minhas facefotos. Eu curtia suas fêice-faces!

Três mensagens trocadas em curto espaço de tempo.

Três desejos secretos de “vai dar certo”.

Oh, meu gauchalemão perdido em Carazinho, você me mandou um primeiro beijo virtual!

Eu lhe enviei o último rascunho intacto da minha alma não mais solitária.

O café da manhã

A visão das suas mãos tacanhas em gestos delicados a presentear um voluptuoso morango que agora bailava entre meus lábios me turvou as sensações naturais.

Estabilolado diante de tamanha candura viril, deixei parte do Vermelho espargir sobre meu peito desprotegido, onde polpas se perderam na minha imensa floresta galvanizada. Você riu e caçou o fugitivo com a ponta de uma língua agridoce.

Fibras recuperadas, travadas entre seus dentes bem alinhados, devoramos a paixão durante a batalha de línguas valentes.

Vermelho a renovar o “bom dia”. Beijos a reprogramar o volume a bailar debaixo da boxer azul, retirada com o canibalismo típico dos apaixonados.

Esqueço o café da manhã composto de sucos e muitas frutas. Vegano infiel, parto para degustar a melhor carne westphalen do universo.

Domingo

A primeira atividade do domingo é uma farra a envolver metal, água e carne.

Adoro o contraste da espuma opaca que traz à tona o brilho da compacta lataria.

No esfrega-esfrega das minhas mãos ágeis, o possante de quatro rodas parece sorrir serelepe, como que a agradecer com honesta devoção o dedicado e insistente belo trato.

Você, segurando as duas mangueiras, ora projeta jatos gelados sobre seu carro, ora projeta rigidez pimpante no meu traseiro.

Continuo minha labuta, em coreografias sensuais que lhe cegam a razão.

Você molha todos os corpos. Água fria em ferros quentes. Adeus calção surrado. Olá espuma erótica!

Esponjas estraçalhadas vagam sonolentas pelos cantos. Mangueira fria a desperdiçar precioso líquido. Mangueiras vigas a espargir gotas da mais pura essência.

Meia nove no chão de cimento e seixos gastos.

Rimos ao recordar que “69” também é o final da placa ainda gotejante.

Penetramos nossos esconderijos com a força do nosso direito adquirido.

Como é maravilhosa a primeira atividade de um domingo perfeito!

Carro e corpos, sexos e almas lavadas.

Abençoados pela luz venerável só encontrada numa Cruz Alta.

Antes do expediente...

Após o banho, sigo a rotina de abrir uma caralhada de jornais e bocejar diante das novas notícias velhas. Amarfanhado na antiga poltrona da sua nada santa mãezinha, tenho visão privilegiada dos seus preparativos roupaís em nosso quarto-refúgio.

Adoro nossos horários diferenciados. Primeiro vai você, depois sou eu a arrastar meu corpo para o santo ofício de rotinas.

Mesmo após seis fantásticos anos muito bem degustados, vê-lo todo montado de Urso da Lei ainda me deixa fora de contexto.

Venero meu Senhor Delegado Panambi, que antes de vazar pela segunda porta, despenca de joelhos entre minhas coxas cabeludas. Brinco com o nó da sua gravata, enquanto você fica entretido com o pesado pêndulo que repousa entre minhas pernas leoninas.

Agora sou eu a impor ordens internas ao temido macho que comanda outros machos lá fora. Ignoro sua posição de inferioridade. Finjo prestar atenção no caderno de esportes. Você lambe, suga, engole, se esbalda, bate continências perante a Segunda Arma e completa o serviço com tremenda competência. Gotas de suor na frisada testa idosa. Linhas de saliva pelos cantos da boca jovial. Sim, sim, sim. A toalhinha estratégica já está em minhas mãos! O algodão suga o resultado da nossa alegria.

Vai, Sr. Delegado, cumpra sua missão social.

Ei, não está esquecend...?

Hum, agora sim, a penúltima mordida animal antes do Listerine.

Bom trabalho, meu amado Batesudo!

Leio nosso horóscopo furado enquanto imagino o que vestir nesta segunda. Você parte para a missão diária de colocar a outra cidade no eixo. Eu parto para a minha maçante rotina de organizar toda contabilidade de uma colônia entristecida.

Outra madrugada

Caminho por ruas e becos e matos. Cruzo meu foco castanho com olhares todacor. Sofro e quase esmoreço quando minha sensibilidade esbarra num semblante anônimo que atormenta nossa realidade. Perco todo ar e asfixio por completo a minha lógica.

Que ódio! Que prazer! Oh, céus ingratos!

É terrível saber que você realmente é de boa carne e ossos fortes, e que também está desesperado à minha procura.

É torturante caminhar em nível lesmódico, consumido na insana expectativa de um encontro (nada) casual. Sinto – eu juro! – a sua presença constante. Sei que nosso esbarrar está mais próximo do que nunca.

Cansei do idealizar. Quero realizar!

Pare de brincar no labirinto.

Cruze a próxima esquina e corra para o último abraço.

Sei que vou reconhecer seus traços através de uma única lágrima gauchalemã a escorrer pelo seu rosto branco e rosa, afogueado na alquimia da nossa infinita fusão.

Tempo

Meu Gauchalemão,

Em trinta segundos, capto a razão do seu olhar.

Em um minuto, decido o primeiro encontro.

Em oito minutos, desvendo todos, todos, todos os seus sacramentos.

Em treze minutos, destravo sua segunda intimidade.

Em vinte e um minutos, surpreendo o conjunto oculto dos seus sentidos.

Em trinta e dois minutos, escolho a diretriz dos próximos passos.

Em quarenta e sete minutos, aniquilo a totalidade dos seus limites.

Em uma hora, planejamos, juntos, o alicerce do nosso futuro!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**